

Rô'ēh e Ḥôzēh no Antigo Testamento

Autor(es): Morris Jastrow, Jr.
Fonte: *Journal of Biblical Literature*, Vol. 28, Nº 1 (1909), pp. 42-56
Publicado por: The Society of Biblical Literature
URL estável: http://www.jstor.org/stable/4617104
Acessado em: 15/05/2014 às 05:00
Tradução: Gabriel Cantarino.

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Rô'ēh e *Ḥôzēh* no Antigo Testamento

Morris Jastrow, Jr.
Universidade da Pensilvânia

É costume considerar רֹאֶה (*rô'ēh)* e חוֹזֶה (*ḥôzēh)* como sinônimos de נָבִיא (*nabî'*, "profeta") e como representando um uso mais antigo, de uma época em que as visões eram consideradas a marca distintiva da profecia.[1] Essa visão baseia-se em duas suposições:

1) que tanto רֹאֶה (*rô'ēh*) quanto חוֹזֶה (*ḥôzēh*) transmitem a ideia de "ver", seja no sentido de prever eventos ou de ter uma visão pela qual o futuro é revelado; e
2) que a nota em 1 Samuel 9:9, "o *nabî'* de hoje era anteriormente chamado de רֹאֶה (*rô'ēh*), carrega consigo a sinonímia dos dois termos.

Embora seja verdade que a nota transmite claramente a visão de que רֹאֶה (*rô'ēh*) é o termo mais antigo, posteriormente substituído por נָבִיא (*nabî'*), isso não implica necessariamente que as funções de רֹאֶה (*rô'ēh*) e חוֹזֶה (*ḥôzēh*) sempre tenham sido idênticas. Na verdade, o curso natural da evolução religiosa favorece a suposição de que רֹאֶה (*rô'ēh*), pertencendo a um estágio cultural anterior, reflete uma visão mais primitiva da maneira pela qual a vontade e intenção dos deuses deveriam ser determinadas, em comparação com o חוֹזֶה (*ḥôzēh*), que, seja qual for sua origem,[2] tornou-se no uso hebraico o termo para aquele que, abandonando os meios comuns de adivinhação, é o porta-voz direto de uma divindade purificada de concepções antiéticas, espiritualizada e em grande parte desnacionalizada. Se examinarmos as passagens em que que רֹאֶה (*rô'ēh*) é usado, descobriremos que suas funções, de fato, são bem diferentes das do posterior נָבִיא (*nabî'*). O רֹאֶה (*rô'ēh*) por excelência no Antigo Testamento é Samuel, que é chamado três vezes em Crônicas (1Cr 9:22; 26:28; 29:29)[3] como "Samuel, o *rô'ēh*", de uma maneira que indica que רֹאֶה (*rô'ēh*) era o título pelo qual ele era conhecido, assim como Natã era conhecido como נָבִיא (*nabî'*) (1Cr 17:1; 29:29; 2Cr 9:29; 29:25; Sl 51:2; 1Rs 1:8, 10, 22, 23, 32, 34, 38, 44, 45), e como Gade era conhecido como חוֹזֶה (*ḥôzēh,*[4] 1Cr 29:29) e Zadoque como כֹּהֵן (*kōhēn;* 2Sm 15:27; 1 Rs. 1:8, 26, 32, 34, 38, 39, 44, 45; 2 Cr. 16:39; 24:6; 29:22). Além dessas três passagens, רֹאֶה (*rô'ēh*) ocorre em conexão com Samuel não menos que quatro vezes no relato de seu primeiro encontro com Saul (1Sm 9:9, 11, 18, 19), que, de acordo com a análise crítica, faz parte do documento

---

[1] A. B. Davidson, *Prophecy and Prophets* (*Hastings' Dictionary of the Bible*, vol. IV, p. 108), e o mesmo autor em *Old Testament Prophecy* (Edimburgo, 1904), p. 81; E. G. Hirsch, *Prophets and Prophecy*, na *Jewish Encyclopedia*, vol. X, p. 213; mas veja Nowack, *Bücher Samuelis*, p. 41.

[2] Veja Hoffmann em *ZAW*, vol. III, pp. 87 e seguintes, que discute a possibilidade de uma conexão com o significado do radical correspondente em árabe, "um som de ferrugem", mas que ele não considera satisfatória. Kuenen (*Prophets of Israel*, p. 42) e outros conectam נבא (*nabā'*) com נבע (*naba'*, "borbulhar"), seja de forma análoga ao uso de נטף (*naṭaf*, "gotejar", Amós 7:16; Miqueias 2:11) ou sugerido pelos sintomas de um epiléptico. Veja Hoffmann, loc. cit., p. 119, e *Encycl. Biblica*, vol. III, col. 3853. J. A. Bewer em *AJSL*, vol. XVIII (1902), p. 120, compara o termo assírio *nabâ*, "arrancar, conduzir à força", daí o profeta ser (figurativamente) "arrebatado" pelo frenesi divino, êxtase.

[3] "A última passagem é particularmente interessante ao incorporar todos os três termos *rô'ēh*, *ḥôzēh* e *nabî'* aplicados a Samuel, Gade e Natã, respectivamente".

[4] "Veja, no entanto, abaixo."

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

"Saul" no Livro de Samuel.[5] Essa narrativa, que pode ser tomada como típica das funções atribuídas a Samuel, revela-o no papel distinto de adivinho. Saul, agindo com base no conselho de seu servo, busca Samuel, por meio de quem, como um אִישׁ אֱלֹהִים (*'ish elohim*, "homem de Deus"),[6] ele espera descobrir o paradeiro das jumentas perdidas de seu pai, Quis. Samuel goza de grande reputação como alguém que pode prever o futuro; "tudo o que ele diz certamente se cumprirá", diz o servo de Saul. "Portanto, vamos até lá; talvez ele nos diga qual caminho devemos seguir" (v. 6), ou seja, ele talvez possa nos dizer onde as jumentas perdidas podem ser encontradas. Quando Saul objeta, dizendo que não tem nada a oferecer ao "homem de Deus", o servo responde que possui um quarto de um siclo de prata que está pronto para entregar. Samuel, portanto, é visto como alguém que realiza a adivinhação como profissão, a quem se recorre para obter uma resposta a alguma pergunta e que recebe uma compensação em troca. Como adivinho, ele ainda poderia ser colocado na categoria de profeta, embora de um tipo bastante primitivo; mas, no decorrer da narrativa, por mais breve que seja, ele é claramente retratado como um sacerdote. Saul e seu servo, ao chegarem às encostas da cidade onde o "homem de Elohim" (*'ish elohim*, אִישׁ אֱלֹהִים) deveria ser encontrado, perguntam a algumas jovens que saíam para buscar água: "O רֹאֶה (*rô'ēh*) está aqui?" A resposta das jovens (v. 12-13) é significativa:

> "E elas responderam: 'Ele está próximo. Apressai-vos agora, pois, justamente hoje, ele veio à cidade, porque há um sacrifício geral hoje (זֶבַח הַיּוֹם בַּבָּמָה, *zevaḥ hayyom babamah*) no *bamáh*. Ao entrarem na cidade, vocês o encontrarão antes que ele suba ao *bamáh* para comer, porque o povo não comerá até que ele venha para abençoar o sacrifício. Depois disso, os convidados poderão comer'", etc.

A visão dos comentaristas modernos, incluindo a de H. P. Smith,[7] de que a "bênção do sacrifício não é uma função sacerdotal", mas meramente uma espécie de graça,[8] dificilmente é justificada à luz das abundantes evidências de que entre os semitas, em geral, a presença do sacerdote era essencial para um sacrifício. Um זֶבַח (*zevaḥ*) é um rito religioso, e a bênção do sacrifício é claramente uma forma de santificação para dar a garantia de que ele foi aceito por Yahweh. Tal garantia só pode ser dada por um sacerdote agindo como mediador entre um deus e seus adoradores. A função sacerdotal assumida por Samuel está em conformidade com outros episódios de sua carreira que, embora possam ter sido retrabalhados por editores posteriores, contêm um núcleo de tradição histórica confiável. Ele é um atendente na casa de Yahweh (1Sm 3:1), dedicado ao serviço de Yahweh por meio de um sacrifício formal (1Sm 1:24-25). Como o "menino" de Eli, o sacerdote, ele veste o "efod" de linho (אֵפוֹד, *ēfod*, 1Sm 2:18) — o símbolo distinto do sacerdócio.[9] Um aspecto significativo na narrativa dramática da primeira visão de Samuel (1Sm 3) é que ela ocorre enquanto ele está em serviço no templo. Mais tarde, em Mizpá, ele aparece no papel

---

[5] H. P. Smith, *Critical and Exegetical Commentary on the Books of Samuel*, p. 59; Kautzsch, *Die Heilige Schrift des Alten Testaments*, p. 289.

[6] Sobre este termo, usado de forma muito geral, veja Davidson, *Old Testament Prophecy*, p. 79.

[7] I.e., p. 62.

[8] Seguindo Wellhausen, *Prolegomena* (5ª ed.), p. 70. Budde (*Die Bücher Samuel*, p. 62) tende a considerar a ação de Samuel como excepcional, mas o contexto implica antes uma prática regular.

[9] Cf. 1 Sm. 2:28, onde a frase "carregar o efod diante de mim" é descritiva das funções sacerdotais.

de mediador entre Yahweh e seu povo,[10] e sua intercessão é acompanhada por rituais religiosos; e não menos significativo é o relato incidental de que em Ramá, que é chamada de sua casa, ele construiu um altar sacrificial para Yahweh (1Sm 7:17).[11] Não há razão para questionar a autenticidade de tais relatos incidentais, que mostram que como רֹאֶה (*rô'ēh*) Samuel desempenhou as funções de um sacerdote nos estágios iniciais do culto entre os hebreus. Quanto à narrativa do encontro de Saul com Samuel, o uso frequente do termo רֹאֶה (*rô'ēh*), bem como a maneira ingênua como Saul e seu servo são retratados indo até este רֹאֶה (*rô'ēh*) para descobrir o que aconteceu com as jumentas perdidas de Quis, indicam que o propósito original do relato era demonstrar os poderes de Samuel como adivinho. Pois ele prediz (1Sm 10:2-9) três incidentes que acontecerão:

1) no túmulo de Raquel, Saul encontrará dois homens que lhe dirão que as jumentas foram encontradas;
2) em Elom-Tabor, ele encontrará três homens a caminho de Betel com sacrifícios para o santuário; e
3) em Gibeá-Elohim, ele encontrará uma companhia de נְבִיאִים (*nevî'îm*), e o Espírito de Yahweh descerá sobre ele.[12]

É provável que três previsões independentes, ou três versões de uma única previsão, tenham sido combinadas e conectadas ao incidente do encontro de Samuel com Saul, que, sendo carregado de consequências tão importantes, naturalmente se tornou um tema favorito para expansão folclórica; mas, para nossos propósitos, o ponto principal é a ilustração de que as três previsões ilustram a concepção popular de Samuel como adivinho. O fato de que, nesse momento, o רֹאֶה (*rô'ēh*) era bastante distinto do נָבִיא (*nabî'*) decorre da descrição dada dos "profetas" (*nevî'îm*, נְבִיאִים) que Saul está para encontrar — um grupo de dervixes gritando, acompanhando seus cânticos com instrumentos musicais.[13] Se Samuel, em uma passagem, é realmente referido como נָבִיא (*nabî'*, 1Sm 3:20), isso ocorre, é claro, devido à projeção de uma concepção posterior de profeta no passado, sob a influência da qual o título é atribuído a todos os antigos líderes, de Abraão em diante, independentemente dos papéis específicos desempenhados por eles.

A unção de Saul por Samuel (1Sm 10) em nome de Yahweh mostra Samuel novamente desempenhando uma função sacerdotal, embora, em vista do fato de que o episódio foi manifestamente introduzido como um contrapeso à narrativa da oposição de Samuel à monarquia (capítulos 8 e 12), seu único valor reside na tradição que ele incorpora sobre as funções atribuídas a Samuel, que se revela essencialmente um adivinho e sacerdote; e, como vimos, o termo רֹאֶה (*rô'ēh*) pertence à estrutura mais antiga da cultura hebraica. Devemos, então, estar preparados para encontrar o רֹאֶה (*rô'ēh*) em pé de igualdade com sacerdotes e adivinhos de outros contextos. Uma das designações mais antigas e comuns para sacerdote na

---

[10] 1 Samuel 7:6 – הִתְפַּלֵּל שְׁמוּאֵל אֶל־יְהוָה בְּמִצְפָּה (*hitpallel shemuel el-Yahweh b'Mitzpah*). A oração é acompanhada por rituais religiosos, como jejuns e libações; e quando é acrescentado que "Samuel julgou os Benê Israel em Mizpá", é razoável concluir que o que Samuel fez foi emitir uma "decisão" em nome de Yahweh, ou, em outras palavras, anunciar a intenção de Yahweh, obtida como um oráculo de alguma forma, em conexão com a próxima luta contra os filisteus.

[11] A "pedra" que ele ergue após a vitória sobre os filisteus (1Sm 7:12) também pode ter sido algum tipo de altar.

[12] O "duplicado" desta história em 1 Samuel 19:18-24 é reconhecido como uma adaptação posterior (veja H. P. Smith, *loc. cit.*, p. 181), de modo que a aparição de Samuel à frente do grupo (v. 20) é uma adição puramente fantasiosa e manifestamente incongruente.

[13] Capítulo 10:5. Veja abaixo, p. 51.

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Babilônia é *bârû*,[14] uma forma particípio do termo *baru*, que é o termo comum em babilônico para "ver" ou "inspecionar algo", usado, de fato, exatamente como רָאָה (*ra'ah*) é em hebraico. O *bârû*, sendo formado exatamente como רֹאֶה (*rô'ēh*), é essencialmente e primordialmente o sacerdote adivinho, mas o "ver" envolvido em sua função tem um caráter muito específico. Ele não é um "vidente" no sentido moderno do termo, como alguém que "prevê", mas um "inspector"; e a inspeção implicada é a do fígado do animal sacrificial, através do qual, como órgão vital do animal, como a alma e o centro da vida, da vontade e da intenção do deus, que aceita o animal e, assim, se identifica com ele, são revelados.[15] Através do "exame" cuidadoso dos fenômenos observados no fígado, cada sinal é interpretado de acordo com um sistema elaborado pelos sacerdotes *bârû*,[16] o *bârû* ou "inspetor" obtém a resposta à pergunta que lhe é feita. A hepatoscopia é a forma mais antiga de adivinhação conhecida entre os babilônios, e, como foi mostrado em outro lugar,[17] a segunda grande divisão da adivinhação babilônica — a leitura de eventos futuros através do sol, lua, planetas e estrelas — é dependente da hepatoscopia. A aplicação do termo *bârû* ao observador de estrelas ou astrólogo, e depois ao intérprete de sonhos e sinais em geral, representa a extensão natural das funções do *bârû*. Em consequência, a palavra torna-se a designação geral do sacerdote como "adivinho", independentemente dos meios escolhidos por ele para prever o futuro, o que ele prediz, ou quais perguntas lhe são feitas.

O hebraico רֹאֶה (*rô'ēh*), sendo o equivalente exato do babilônico *bârû*, e o רֹאֶה (*rô'ēh*), como exemplificado na narrativa de Samuel sendo um adivinho e sacerdote, torna razoável tomar o רֹאֶה (*rô'ēh*) de acordo com o significado atribuído a *bârû*, como originalmente um "inspetor", que observa algo com o objetivo de obter uma resposta para uma determinada questão. Temos uma confirmação interessante da correspondência aqui assumida entre o radical babilônico *bârû*, nesse sentido específico, e o hebraico רֹאֶה (*rô'ēh*), na passagem de Ezequiel 21:21, onde o profeta descreve com precisão o método babilônico de adivinhação como נִבֶּט בַּכָּבֵד (*nibbet bakkābēd*), literalmente "ele olhou para o fígado", mas que deve ser tomada como uma expressão composta para transmitir a ideia de "inspeção do fígado" ou hepatoscopia. Embora traços da visão na qual a hepatoscopia se baseia — o fígado como o assento da alma ou da vida — possam ser encontrados no hebraico,[18] deve-se admitir que não há indicações diretas de que a hepatoscopia foi praticada pelos antigos hebreus fora da proibição de queimar o *lobus caudatus* do fígado, conforme aparece em nove diferentes passagens dos códigos pentateucais. A proibição é direcionada contra o uso do animal sacrificial para fins de adivinhação[19] e, portanto, aponta para o conhecimento dessa forma de adivinhação entre os hebreus. Ainda assim, é significativo que na lista de vários tipos de adivinhos — Deuteronômio 18:10-11 — não haja menção à hepatoscopia, de modo que não estamos justificados a ir além da suposição de que o רֹאֶה (*rô'ēh*) foi aplicado a um sacerdote adivinho que olha ou inspeciona algum objeto

---

[14] Veja Jastrow, *Rel. Babyl. und Assyr.*, vol. II, pp. 192 e seguintes, onde as várias funções do *bârû* são descritas, mas essa variedade se deve ao desenvolvimento do ritual babilônico, em consequência do qual *bârû* tornou-se o "adivinho" em geral, sem referência a qualquer modo específico de adivinhação.

[15] Veja um artigo do autor, "The Liver in Antiquity and the Beginnings of Anatomy" (*Univ. of Pa. Medical Bulletin*, janeiro de 1908, e *Trans. Phila. College of Physicians*, 3ª Série, xxix, pp. 117-138).

[16] Veja Jastrow, *Rel. Babyl. und Assyr.*, vol. II, pp. 244 e seguintes, e as numerosas ilustrações ali fornecidas, pp. 252-415.

[17] "The Sign and Name for Planet in Babylonian," em *Proceedings of the Amer. Philos. Society*, vol. xlvii, pp. 145 e seguintes.

[18] Pr. 7:23 "fendendo o fígado" no sentido de matar, onde כָּבֵד (*kaved*) é usado como sinônimo de נֶפֶשׁ (*nefesh*). Veja também Lamentações 2:11 "meu fígado é derramado na terra", onde novamente "fígado" é um sinônimo de "alma".

[19] Veja Jastrow, *Rel. Babyl. und Assyr.*, vol. II, p. 231, nota 10, onde a prova é apresentada — seguindo Moore — de que o הַיֹּתֶרֶת (*hayoteret*, Ex 29:13, 22; Lv. 3:4, 10, 15; 7:4; 8:16, 25; 9:10, 19) é o *lobus caudatus*.

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

material como um meio de prever o curso dos eventos ou de fornecer uma resposta a uma pergunta. Não somos informados sobre como Samuel procede para fornecer uma resposta à pergunta feita por Saul, mas talvez algum significado possa ser atribuído ao detalhe de que Samuel fala a Saul "no telhado" e, de acordo com uma versão, "ao amanhecer".[20] O horário do amanhecer é um momento favorito para realizar rituais de encantamento e outros atos ritualísticos.[21] A conferência "no telhado" pode ser interpretada como uma alusão à adivinhação através de fenômenos celestiais? Seria natural que na narrativa, que retrata Samuel como um fiel adorador de Yahweh, detalhes contraditórios ao espírito dos ideais pentateucais e das visões proféticas fossem suprimidos ou, talvez, seria mais correto dizer, desaparecessem silenciosamente da narrativa. Se houver qualquer força nessa hipótese, isso indicaria que, aplicado a Samuel, o termo רֹאֶה (*rô'ēh*) já havia alcançado o estágio representado pelo uso de *bârû* na Babilônia como o sacerdote adivinho em geral.

Fora de Samuel, o título de רֹאֶה (*rô'ēh*) é atribuído a outra pessoa apenas, a saber, Hanani, que vai ao encontro de Asa, rei de Judá (2Cr 16:7-10), e prediz desastre porque o rei "confiou" em Aram e não em Yahweh. A história, é verdade, encontra-se apenas em Crônicas e, por essa razão, pode ser considerada suspeita. O uso, no entanto, do termo antigo רֹאֶה (*rô'ēh*) em vez do posterior נָבִיא (*nabî'*) pode ser tomado como evidência pelo menos da antiguidade da tradição, senão de sua autenticidade.[22] A ocorrência de um רֹאֶה (*rô'ēh*) — de alguém oficialmente designado como tal — nos dias de Asa é uma indicação valiosa do uso contínuo do termo antigo até o final do século décimo. O reinado de Asa, como será lembrado, começou no vigésimo ano de Jeroboão, o primeiro rei de Israel, e se estende, em todos os eventos, até o tempo de Onri, o sexto rei de Israel — mas não é até os dias do filho deste último, Acabe, que um tipo religioso completamente novo aparece na pessoa de Elias. Este período talvez represente a linha divisória, separando o רֹאֶה (*rô'ēh*) definitivamente do נָבִיא (*nabî'*).[23]

---

[20] 1 Samuel 9:25.

[21] Veja Zimmern, *Beiträge zur Kenntnis der Babyl.-Assyr. Religion*, pp. 100, 104, 112, 141, etc.; Tallquist, *Assyrische Beschwörungsserie, Maqlû Serie*, p. 33. O horário favorito para invocar os espíritos é durante a noite até o amanhecer.

[22] A versão grega, deve-se notar, em muitos casos não faz distinção entre רֹאֶה (*rô'ēh*), חֹזֶה (*ḥôzēh*) e נָבִיא (*nabî'*), usando προφήτης (*prophētēs*) indiscriminadamente para os três. Assim, encontramos προφήτης (*prophētēs*) para 1 Samuel 9:9, 11, 18; 1 Crônicas 9:22, 29; mas em 1 Crônicas 25 como προφήτης (*prophētēs*) e também 2 Crônicas 16:7 para Hanani; para quem encontramos προφήτης (*prophētēs*) em 2 Samuel 24:11, 2 Cr. 19:2, 29:25, e 35:15 (plural); mas ὁρῶν (*horōn*) em 2 Reis 17:13, 1 Crônicas 21:9, 2 Crônicas 9:29, 12:15, 29:29, enquanto em 1 Crônicas 25:5 aparece ὁρῶν (*horōn*). Sem dúvida, em alguns casos, a correção para o termo mais legítimo entre προφήτης (*prophētēs*) e ὁρῶν (*horōn*) é intencional, assim como no hebraico רֹאֶה (*rô'ēh*) e חֹזֶה (*ḥôzēh*) são ocasionalmente substituídos pelo posterior נָבִיא (*nabî'*).

[23] À luz dessa referência a רֹאֶה (*rô'ēh*) nos dias de Asa, é tentador corrigir a expressão um tanto absurda בָּרוֹפְאִים (*barofʾîm*) em 2 Cr. 16:12 para בָּרֹאִים (*baroʾîm*). O versículo, como está, afirma: "Mesmo em sua enfermidade ele não buscou a Yahweh, mas os médicos", seguido pela declaração "e Asa dormiu com seus pais", o que indicaria uma atitude peculiar em relação à profissão médica, que se torna inteligível apenas se supusermos que o propósito do cronista tenha sido ironicamente sugerir uma conexão entre o fato de o rei buscar conselho médico e sua morte. Se a mudança proposta parecer muito radical, parece-me que deveríamos, pelo menos, ler: לֹא־דָרַשׁ אֶת־יְהוָה כִּי בַמֵּתִים (*lo-darash et-Yahweh ki bammētîm*) no sentido de "consultar os mortos". A frase דָּרַשׁ אֶת־יְהוָה (*darash et-Yahweh*) significa, claro, "invocar Yahweh" (e.g., 1 Rs. 22:5, Is. 31:1, Jr. 10:21, Ez. 20:1, Os. 10:12, Sl. 34:5, 2 Cr. 22:9, 26:5, etc.), mas o verbo דָּרַשׁ (*darash*) também é usado para "consultar os mortos", e.g., Dt. 18:11 (דֹּרֵשׁ אֶל־הַמֵּתִים, *dōresh el-hammētîm*), Is. 8:19 (וְדֹרְשִׁים אֶל־הָאֹבוֹת וְאֶל־הַיִּדְּעֹנִים, *wedorshîm el-haʾōvōt weʾel-hayyidʿōnîm*), e visto que מֵתִים (*mētîm*) é um sinônimo de רְפָאִים (*refāʾîm*) (e.g., Is. 26:14, Sl. 88:11), a frase admite a interpretação proposta. A mudança, que adiciona apenas uma única letra, também pode ter sido intencional, para evitar o termo indesejado no caso de um "bom" rei. Talvez não seja inadequado sugerir também que a referência à enfermidade do rei no final de 1 Rs. 15:23 seja um gloss tardio baseado na narrativa mais detalhada em Crônicas e introduzido como uma referência a ela.

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Voltando agora a חֹזֶה (*ḥôzēh*), encontramos esse termo com uma ocorrência muito mais frequente do que רֹאֶה (*rô'ēh*) e em uso em um período muito posterior. Já foi observado[24] que, assim como o título "o רֹאֶה (*rô'ēh*)" se aplica a Samuel, חֹזֶה (*ḥôzēh*) parece ter sido associado a Gade, que é referido como חֹזֵה דָוִד (*ḥôzēh Dāwîd*, "o vidente de Davi"; 1Cr 21:9, 2Sm 24:11) ou simplesmente como חֹזֶה (*ḥôzēh*, "vidente"; 1Cr 29:29). Se, portanto, em vez de חֹזֶה (*ḥôzēh*) encontrarmos נָבִיא (*nabî'*, "profeta") como o título de Gade (1Sm 22:5), essa é claramente uma correção feita por escribas[25] para dar-lhe o título mais elevado e legítimo. A prova disso é apresentada em 2 Samuel 24:11, onde encontramos ambos os títulos נָבִיא גָּד חֹזֵה (*Gād ḥôzēh nābî'*, "Gade, o vidente, o profeta"), e onde נָבִיא (*nabî'*) é claramente um gloss marginal que entrou no texto. Como nunca encontramos a combinação רֹאֶה נָבִיא (*rô'ēh nabî'*), segue-se que o חֹזֶה (*ḥôzēh*) era um assistente especial — o adivinho oficial, por assim dizer, a serviço especial do governante.

De maneira semelhante, Hemã (1Cr 25:5) e Jedutum (2Cr 35:15) são designados como חֹזִים (*ḥôzîm*), e, como ambos, bem como Asafe, estão conectados ao serviço do templo como levitas e "cantores" (הַמְשֹׁרְרִים, *hamshorerîm*, 1Cr 15:19: Hemã, Asafe, Etã, para o qual 2Cr 5:12 lista Hemã, Asafe e Jedutum; וּמְשֹׁרְרֵי, *umeshorerê*, 1Cr 15:17, 2Cr 5:12), os poderes proféticos associados a eles (1Cr 25:1: מְנַבְּאִים בְּכִנֹּרוֹת בְּנֵבָלִים וּבִמְצִלְתָּיִם, *menabbe'îm beḵinnorōt, binbālîm, ubimṣiltayim*, "profetizando com harpas, alaúdes e címbalos") são, como no caso do רֹאֶה (*rô'ēh*), não dissociados originalmente de funções sacerdotais. O termo, portanto, também pertence a um período inicial na história religiosa dos hebreus, quando a adivinhação fazia parte do ofício sacerdotal e antes do período da diferenciação entre o adivinho e o verdadeiro profeta de Yahweh e a diferenciação concomitante entre "profeta" e "sacerdote". Que a profecia conectada com os חֹזִים (*ḥôzîm*) era de uma ordem inferior é indicado pela menção de instrumentos musicais na passagem em 1 Crônicas 25:1 como parte do aparato profético, o que os coloca na mesma categoria que os cantos dos dervixes que Saul encontra.[26] O título חֹזֶה (*ḥôzēh*) aplica-se também a Jedo (2Cr 9:29) ou Ido (2Cr 12:15), em cujo caso encontramos claramente uma correção ou gloss scribal נָבִיא (*nabî'*). Por último, Jeú, filho de Hanani, é em uma passagem (2Cr 19:2) chamado חֹזֶה (*ḥôzēh*), embora nas passagens paralelas em 1 Reis 16:7 encontramos נָבִיא (*nabî'*), enquanto a versão grega apresenta ο προφήτης (*ho prophētēs*) em 2 Crônicas 19:2, e o Codex Vaticano omite a designação completamente em 1 Reis 16:7 — indicações que apontam para o estágio posterior de diferenciações que antes existiam, sob a influência da visão pós-exílica que favoreceu a aplicação de נָבִיא (*nabî'*) a todos os homens do passado que foram retratados como falando em nome de

---

[24] Veja acima, p. 43.

[25] A mudança de חֹזֶה (ḥôzēh) para נָבִיא (nabî') deve-se, claro, de um lado, à influência da visão posterior que considerava todos os legítimos servos de Yahweh como genuínos נְבִיאִים (nevî'îm, "profetas") e, de outro, à tradição gradual que obscurecia a distinção que antes havia entre חֹזֶה (ḥôzēh) e נָבִיא (nabî').

[26] Os instrumentos mencionados em 1 Sm 10:5 são נֵבֶל (*nevel*), כִּנּוֹר (*kinnor*) e תֹּף (*tof*), praticamente os mesmos instrumentos que no caso de Asafe, Hemã e Jedutum (1Cr 25:6) são descritos como מְנַבְּאִים (*menabbe'îm*) com נְבָלִים (*niblim*), כִּנֹּרוֹת (*kinnorot*) e מְצִלְתַּיִם (*m'ṣiltayim*, címbalos). Provavelmente seria melhor considerar a adição de נְבָלִים (*n'valim*, alaúdes) como sendo uma interpolação no texto. Note também que na segunda visão do relato da aparição de Saul entre os profetas (1Sm 19:20), נָבִיא (*nabî'*) é usado exatamente como em 1 Sm 25:2, o que sugere que os nomes dos instrumentos foram suprimidos nesta versão. A existência de um equivalente árabe pré-islâmico **ḥāzī** designando um adivinho do mesmo grau do כֹּהֵן (*kōhēn*) e do עָרֵב (*'ārēv*) pode ser considerada como outra prova da antiguidade do חֹזֶה (*ḥôzēh*) entre os hebreus; e, como o último, o árabe ḥāzī é listado como o adivinho que prevê o futuro através da interpretação de sinais externos, como o voo dos pássaros — através de um oráculo diretamente dado a ele — e aparentemente também pela observação das estrelas. Veja Hoffmann em *ZAW*, vol. III, p. 92, e particularmente a passagem de Ibn al-Athir, em que ḥāzī é explicado como *al-munajjim*, "o adivinho das estrelas". Cf. também Wellhausen, *Beste arabischen Heidentum*, p. 134.

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

Yahweh. Contudo, o חֹזֶה (*ḥôzēh*), assim como o רֹאֶה (*rô'ēh*), foi em um tempo nitidamente diferenciado do נָבִיא (*nabî'*) pelo uso claramente persistente de atribuir o termo posterior a certas personagens do período mais antigo da história hebraica; por exemplo, Natã, que é chamado "o profeta" em nada menos que quatorze passagens. Tal passagem é 1 Crônicas 29:29, onde as três pessoas associadas às carreiras de Saul e Davi recebem seus títulos distintos — Samuel, o רֹאֶה (*rô'ēh*), Natã, o נָבִיא (*nabî'*), e Gade, o חֹזֶה (*ḥôzēh*) — sendo particularmente instrutivo ao apontar para a distinção outrora reconhecida entre esses três termos. Mesmo que a menção de Samuel seja considerada um gloss tardio, a justaposição de Gade e Natã é justificada por 2 Crônicas 29:25, onde novamente encontramos essas dois personagens distintos, Gade como חֹזֶה (*ḥôzēh*) e Natã como נָבִיא (*nabî'*), e os dois representados como os principais assistentes de Davi na regulação dos assuntos de seu reinado.[27] Tomando Gade como o tipo do חֹזֶה (*ḥôzēh*), temos indicações claras de que ele é consultado por Davi, assim como Samuel o é por Saul, para determinar qual curso ele deve seguir. Assim, quando Davi vem ao rei de Moabe e pede que seus pais permaneçam ali "até que eu saiba o que Elohim fará comigo" (1Sm 22:3), há uma intenção clara da parte de Davi de adivinhar o futuro, e correspondemos encontrando Gade dizendo-lhe: "Não permaneça emboscado, mas vá para a terra de Judá" (1Sm 22:5).

Mais uma vez, encontramos Gade intervindo quando, após a contagem do povo, Davi é retratado como tendo se tornado consciente de ter pecado. O rei apela a Yahweh (2Sm 24:10), e por meio de Gade a resposta vem que uma das três coisas acontecerá:

1) Sete anos de fome
2) Fuga dos inimigos dentro de três meses, ou seja, desgraça na guerra, ou
3) peste por três dias.

Essas declarações são precisamente o tipo de interpretação alternativa de sinais que encontramos nas várias classes de textos de presságios da Babilônia e Assíria, e é razoável concluir que o חֹזֶה (*ḥôzēh*), como o sacerdote babilônico *bârû*, teve recurso a algum método de adivinhação por meio do qual ele assegurava respostas específicas às perguntas feitas a ele. O חֹזֶה (*ḥôzēh*), assim, aproxima-se do רֹאֶה (*rô'ēh*), mas, se quisermos distinguir entre Samuel e Gade como os típicos רֹאֶה (*rô'ēh*) e חֹזֶה (*ḥôzēh*), respectivamente, o primeiro é um sacerdote e adivinho a quem qualquer um pode recorrer e, mediante pagamento, obter respostas a uma consulta, enquanto o último é mais especificamente o adivinho oficial da corte, acompanhando o rei em suas expedições. Embora não se deva dar ênfase excessiva a uma distinção que pode se revelar acidental, é digno de nota que Asafe, Hemã e Jedutum, como חֹזִים (*ḥôzîm*), também são oficiais, enquanto Ido e Semaías, "o profeta" (2Cr 12:15) nos dias de Roboão correspondem a Gade e Natã nos dias de Davi.

É possível diferenciar ainda mais entre as funções do רֹאֶה (*rô'ēh*) e as do חֹזֶה (*ḥôzēh*)? George Adam Smith, em sua introdução ao *Commentary on the Minor Prophets* (p. 17), traduz o primeiro como "vidente" (*seer*) e o último como "observador" (*gazer*). A distinção é justificada em certa medida pelo modo como os radicais subjacentes são usados, pois, embora em algumas passagens, por exemplo, Provérbios 22:29 e 29:20,

[27] O versículo contém duas expansões verbais: (1) דָּוִיד מִצְוֹת יְהוָה (*mitzvot Yahweh David*, "os mandamentos de Yahweh a Davi"), uma explicação que um compilador considerou necessário adicionar a fim de indicar que os "mandamentos" de Davi, Gade e Natã eram na realidade ordens de Deus; e (2) יַד יְהוָה (*yad Yahweh*, "a mão de Yahweh"), para deixar claro que Yahweh revelou a sua vontade por meio desses dois "profetas". O gloss aponta novamente para o abandono posterior da distinção entre o רֹאֶה (*rô'ēh*) e o חֹזֶה (*ḥôzēh*).

רֹאֶה (*rô'ēh*) seja usado exatamente como נָבִיא (nabî'),[28] em geral pode-se dizer que רֹאֶה (*rô'ēh*) é um ato deliberado de olhar para algo ou procurar por algo, enquanto חֹזֶה (*ḥôzēh*) é um reconhecimento de algo que se apresenta involuntariamente. Se רֹאֶה (*rô'ēh*) é o "inspetor" que busca por um sinal e o interpreta, o חֹזֶה (*ḥôzēh*) é aquele a quem o sinal aparece e que reconhece seu significado quando este se manifesta.

O significado comum da palavra é "ter uma visão", ou seja, encontrar ou receber um sinal de algum tipo. Agora, na adivinhação antiga, encontramos em todos os lugares duas classes de sinais, que podemos agrupar sob adivinhação voluntária e adivinhação involuntária.[29] No caso, por exemplo, da hepatoscopia, o fígado é deliberadamente examinado com o propósito de obter uma resposta, enquanto, por exemplo, na leitura dos sinais dos céus, ou dos sinais envolvidos no voo dos pássaros, ou no caso de sonhos ou visões, os próprios sinais são independentes da vontade de quem os recebe. A astrologia, portanto, e a 'observação de pássaros', assim como a interpretação de sonhos e visões, enquadram-se na categoria de adivinhação involuntária. Temos uma passagem, Isaías 47:13, onde o verbo está associado às estrelas, מֵאֲשֶׁה יוֹרֶה אוֹתָה כּוֹכָבִים (*me'ĕṣāh yoreh ōtāh kôkāvîm*),[30] e onde dificilmente se poderia usar o verbo רֹאֶה (*rô'ēh*) sem perder a plena força contida em חֹזֶה (*ḥôzēh*) de receber um sinal por meio das estrelas. Da aplicação à adivinhação involuntária, חֹזֶה (*ḥôzēh*) seria, portanto, a designação apropriada de uma visão de qualquer tipo enviada a alguém, ou que alguém encontra, e é nesse sentido amplo que o substantivo חָזוֹן (*ḥāzôn*) — ocorrendo nada menos que trinta e cinco vezes no Antigo Testamento — é usado. Como o "ḥāzôn", ou "visão", estava associado aos profetas legítimos, a palavra חֹזֶה (*ḥôzēh*) perdeu suas associações indesejáveis, e os piedosos jahvistas não hesitaram em aplicar o termo às profecias de Isaías (1:1, 22:1, 5; 2 Cr. 32:32), Naum (1:1), Obadias (1:1), e lembrar-se-á que no Livro de Daniel é constantemente aplicado às visões de Daniel (8:1-2, 13, 15, 17, 26, 9:21, etc.). Contudo, enquanto isso é verdade para חָזוֹן (*ḥāzôn*), o termo חֹזֶה (*ḥôzēh*) reteve mais de seu sabor original e foi geralmente aplicado de forma depreciativa pelos zelotes judeus para designar os נְבִיאִים (*nevî'îm*, "profetas") ilegítimos. Esse sentido está implícito também no insulto oferecido por Amazias, o sacerdote, a Amós (7:12), quando, dirigindo-se a ele como חֹזֶה (*ḥôzēh*), diz-lhe para ir a Judá e ganhar seu sustento ali. Isso é ainda mais claramente expresso em Isaías 30:10, onde o profeta, colocando-se na posição daqueles que consultam נְבִיאִים (*nevî'îm*) e חֹזִים (*ḥôzîm*), repreende o povo por tentar persuadi-los a anunciar apenas boas novas: "Que dizem aos נְבִיאִים (*nevî'îm*): 'Não nos profetizem'; e aos חֹזִים (*ḥôzîm*): 'Não olhem para nós coisas corretas', etc.".

Há também uma alusão no insulto do cronista em relação a Manassés e sua oração a Deus, e às palavras dos חֹזִים (*ḥôzîm*) que lhe falaram em nome de Yahweh, etc. (2Cr 33:18). Manassés, sendo um rei "ímpio", aqueles que anunciam decisões a ele, embora pretendendo falar em nome de Yahweh, não o fazem digno (do ponto de vista do cronista) de ser chamado נָבִיא (*nabî'*).

A correção textual de חֹזֶה (*ḥôzēh*) para נָבִיא (*nabî'*) em tantas passagens, como apontado acima, fornece mais uma prova do fato de que o termo חֹזֶה (*ḥôzēh*) tinha certa conotação depreciativa associada a ele. Em Ezequiel, esse mesmo opróbrio é evidente, já que suas referências aos חֹזִים (*ḥôzîm*) são em praticamente

---

[28] Mesmo nessas duas passagens, רֹאֶה (*rô'ēh*) pode ser traduzido como "encontrar", enquanto se נָבִיא (*nabî'*) fosse usado, poderia ter a força de "buscar".

[29] Veja o artigo do autor, "Hepatoscopy and Astrology in Babylonia" (*Proc. Am. Philos. Society*, vol. xlvii, pp. 646 e seguintes).

[30] Zimmern, Beiträge, p. 85, nota 8, sugere a possibilidade de que o bârû babilônico esteja aqui oculto, assim como Haupt propôs ler דֹּרֵשׁ לָרֹאִים (dōresh larō'îm) em 1 Samuel 14:3. A objeção ao conceito inclui a circunstância de que, paralelamente a "sinais" e "encantamentos", espera-se uma menção de uma forma de adivinhação, mas não a designação de uma classe de adivinhos.

todos os casos dirigidas àqueles que enganam o povo, como em Ez. 13:16, חֹזֵי שָׁלוֹם וְאֵין שָׁלוֹם (*ḥōzê shālôm we'ên shālôm*, "videntes de paz, mas não há paz"), embora deva ser observado que na mesma passagem ele introduz נְבִיאִים (*nevî'îm*) como sinônimo de חֹזִים (*ḥôzîm*). A atitude geral de Ezequiel, no entanto, é mostrada por sua associação dos חֹזִים (*ḥôzîm*) com קֹסְמִים (*qōsmîm*, "adivinhos"), por exemplo, Ezequiel 13:23 e 22:28.

A questão naturalmente surge — por que נָבִיא (*nabî'*) finalmente veio a ser o termo adotado para o verdadeiro profeta de Yahweh, considerando que, como a passagem em 1 Samuel 10:5, bem como outras referências, mostram, o נָבִיא (*nabî'*) também é uma figura que pertence aos primeiros períodos da história religiosa de Israel, e uma figura, além disso, que não impressiona como estando em um nível muito superior ao רֹאֶה (*rô'ēh*) ou חֹזֶה (*ḥôzēh*). Sem entrar na complicada questão etimológica do termo, há uma característica que distingue o נָבִיא (*nabî'*) mesmo nos estágios iniciais de seu desenvolvimento do רֹאֶה (*rô'ēh*) e do חֹזֶה (*ḥôzēh*). Ele não recorre a meios externos de adivinhar a vontade e a intenção dos deuses. Nem a hepatoscopia nem a leitura dos planetas e estrelas estão em sua esfera de atuação. Ele não interpreta sinais e presságios, mas reivindica uma revelação direta. Como seu protótipo moderno — o dervixe que grita — o antigo נָבִיא (*nabî'*) dependia meramente de sua música e canto para colocá-lo em um estado de êxtase e, nesse estado, obter a revelação da vontade divina.

Apesar, portanto, do abismo que separa a banda de dervixes gritando que Saul encontra de tipos como Isaías, Jeremias e Ezequiel, eles têm isso em comum: que estão livres dos meios materiais no exercício das funções que constituem um ingrediente tão essencial no equipamento do *bârû* babilônico, seja em sua capacidade original como "inspetor" do fígado do animal sacrificial ou sua capacidade ampliada como "observador" (*gazer*) e intérprete dos planetas e estrelas, ou como aquele que lê o futuro por meio da ação de bolhas de óleo em uma bacia de água, ou como aquele que interpreta o voo dos pássaros ou algo semelhante. A oposição a todas as formas de adivinhação — voluntária e involuntária — aparece com frequência nos códigos pentateucais,[31] assim como a todos os tipos de encantamentos e necromancia, enquanto nos profetas encontramos essa oposição em quase todos os lugares. Foi natural, portanto, que o רֹאֶה (*rô'ēh*) e o חֹזֶה (*ḥôzēh*) fossem rejeitados como designações indignas para aqueles a quem a distinção foi atribuída de ser o porta-voz direto de uma divindade que não deveria ser adorada por meio de qualquer símbolo material, e que não poderia ser abordada por meio de dispositivos materiais. O נָבִיא (*nabî'*), mesmo em sua forma mais primitiva, estava pelo menos livre de tais associações indesejáveis e, de fato, segue uma linha de desenvolvimento que diverge acentuadamente em certo ponto do adivinho comum. Ele recebe seus oráculos diretamente e não adivinha a vontade da divindade por meio da interpretação de presságios. Ele é essencialmente, como Maomé também se chamou, "um advertidor" (*a warner*),[32] e é porque suas advertências frequentemente alcançam o futuro que suas declarações frequentemente se tornam profecias no sentido comum do termo — frequentemente, mas de forma alguma sempre. Seu propósito principal é falar em nome de uma divindade, falar por ela, e não prever. É, portanto, um erro da visão posterior que considerava o רֹאֶה (*rô'ēh*) como o protótipo do נָבִיא (*nabî'*). O רֹאֶה (*rô'ēh*) é um adivinho, assim como o חֹזֶה (*ḥôzēh*). Ambos fazem uso de meios materiais para adivinhar a vontade e o propósito dos deuses, enquanto o נָבִיא (*nabî'*) sempre foi o porta-voz direto de Deus e, portanto, tornou-se o tipo e a designação apropriada da classe de homens que incorporava o protesto contra todas as formas de adivinhação.

---

[31] Veja especialmente a longa lista em Dt. 18:10-11.

[32] *Sura* 22:49, 48:70, 46:9, 51:50, 71:1, etc.